

**NORMA CULTA EM FOCO: ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA
DE PRODUÇÕES ESCRITAS DE ESTUDANTES
UNIVERSITÁRIOS**

Fatiny Moura (UESB)

fatiny.moura@hotmail.com

Vivian Antonino (UESB)

viviantonino2@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa propõe-se a analisar qualitativamente textos escritos de discentes dos 1º, 3º, 5º e 7º semestres do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus Jequié, e mapear o uso da norma culta a fim de diagnosticar os desvios recorrentes e suas motivações e verificar se de fato a norma culta é alcançada com a conclusão do curso superior. Sabendo-se que os fatores sociais são basilares para a análise linguística, nesta pesquisa, ao utilizar o conceito de língua como um sistema diferenciado, provido de heterogeneidade e sistematicidade, fez-se coleta de dados sociais dos informantes para a efetivação da análise considerando-se as vivências dos indivíduos. Tendo como objetivo o mapeamento das recorrências de desvios gramaticais e estruturais, desde a divergência com o acordo ortográfico à má estruturação de parágrafos-padrão, com períodos longos e lapsos de elementos coesivos adequados para a construção de sentido de uma unidade coesa e coerente, a hipótese inicial era de que tendências a desvios de norma culta com maiores ocorrências de base variacionista fossem mais comuns nos primeiros semestres, visto que, com o decorrer do curso, formador de docentes de Língua Portuguesa, é esperado que haja uma apropriação da variação culta.

Palavras-chave:

Norma culta. Produção escrita. Variação linguística

ABSTRACT

This research aims to qualitatively analyze texts written by students of the 1st, 3rd, 5th and 7th semesters of the Licentiate Degree in Letters at the State University of Southwest Bahia, Jequié campus, and to map the use of the cultured norm in order to diagnose the recurrent deviations and their motivations and verify if, in fact, the cultured norm is reached with the conclusion of university education. Knowing that social factors are fundamental for linguistic analysis, in this research, when using the concept of language as a differentiated system, provided with heterogeneity and systematicity, the informants' social data was collected to carry out the analysis, considering their individual experiences. Aiming at mapping the recurrences of grammatical and structural deviations, from the divergence with the orthographic agreement to the poor structuring of standard paragraphs, with long periods and lapses of cohesive elements suitable for the construction of meaning of a cohesive and coherent unit, the initial hypothesis was that tendencies to deviations from the cultured norm with greater occurrences of variationist base were more common in the first semesters, since, along the course, that trains portuguese

language teachers, it is expected that there will be an appropriation of the cultured variety.

Keywords:

Cultured norm. Linguistic variation Written production.

1. Introdução

Afirmar que língua e sociedade apresentam uma relação íntima e que é praticamente impossível conceber língua sem sociedade ou sociedade sem língua não é grande novidade, a partir de um olhar sociolinguístico. E se esta influência é tão certa e inquestionável, também o é o caráter variável da língua. Assim, tomando por base tal variabilidade, neste trabalho busca-se, através da observação da escrita de estudantes universitários do curso de Licenciatura em Letras, analisar se uma formação superior acadêmica traria marcas que indicassem a consolidação da norma culta na competência comunicativa dos graduandos.

Partimos da hipótese inicial de que há tendências a desvios de norma culta característicos por período, com maiores ocorrências nos primeiros semestres, provavelmente atrelados ao convívio com a linguagem urbana comum, e posterior aproximação com o padrão normativo, visto que a licenciatura forma docentes de Língua Portuguesa, os quais supostamente têm domínio das dinâmicas dos constituintes que afetam a escrita. A construção do trabalho sustenta-se no objetivo de analisar o perfil da norma culta hodierna, a fim de diagnosticar os desvios recorrentes e verificar se a norma culta, de fato, é alcançada com a conclusão do curso superior, a partir do mapeamento das ocorrências de desvios.

2. Fundamentação teórica

Sabendo-se que os fatores sociais são basilares para a análise linguística, nesta pesquisa, utiliza-se o conceito de língua como um sistema diferenciado, provido de heterogeneidade e sistematicidade, como proposto pela Sociolinguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

Ainda, entende-se aqui o português brasileiro como produto de um cenário sociolinguístico plural e polarizado (LUCCHESI, 2015), no qual os usos linguísticos que mais se afastam do padrão normativo são reflexos de uma enorme desigualdade social que tem raízes históricas e que se

evidenciam por meio do preconceito linguístico (BORTONI-RICARDO, 2005).

Nessa perspectiva, a norma é concebida, consoante Eugenio Coseriu, como o conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de certa comunidade, incluindo os fenômenos em variação. Aqui, então, para fins de esclarecimento, é preciso distinguir as normas linguísticas. Embora a norma linguística modelar, imposta no século XIX, receba “múltiplas denominações: norma culta, norma-padrão, norma gramatical, gramática, língua culta, língua padrão, língua certa, língua cuidada, língua literária, entre tantas outras.” (FARACO, 2008) respaldadas em concepções de língua conflitantes e equivocadas, perpetradas a partir de representações ideológicas assentadas nos processos históricos da construção política da sociedade, é preciso desmitificar o problema da terminologia: norma-padrão e norma culta não são sinônimos.

A norma-padrão é entendida como o “conjunto de regras padronizadas, descritas e prescritas pelas gramáticas normativas, inspiradas em estágios passados da língua e principalmente nas opções de um grupo restrito de escritores consagrados” (BAGNO, 2007, p. 130), sendo, portanto, idealizada e artificial; enquanto que a norma culta, embora seja a variedade que mais se aproxima do padrão normativa, diz respeito à variedade linguística real que caracteriza a fala e a escrita dos cidadãos urbanos letrados e socioeconomicamente privilegiados (BAGNO, 2007). Assim, tem-se que a norma culta, conforme estabelecido pelo Projeto da Norma Urbana Culta (NURC), corresponde à variedade de uso corrente entre falantes com escolaridade superior completa³⁶, em situações monitoradas, uma vez que pressupõe envolvimento com atividades relacionadas à cultura escrita (Cf. FARACO, 2008).

A expressão norma culta/comum/standard [...] designa o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso de falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita. Esse vínculo com os usos monitorados e com as práticas da cultura escrita leva os falantes a lhe atribuir um valor social positivo, a recobri-la com uma capa de prestígio social. (FARACO, 2008, p. 71)

É válido, ainda, esclarecer que a norma culta falada e a norma culta escrita são modalidades distintas. Logo, parte-se da hipótese de que a escrita de graduandos se aproxime da norma culta, caracterizada como a

³⁶ Este conceito já vem sendo revisto para se adequar melhor à nova realidade social, no entanto, aqui, optamos por manter esta definição mais tradicionalmente conhecida.

norma linguística praticada por grupos economicamente e socialmente privilegiados em situações de maior grau de monitoramento, como é o caso da escrita de trabalhos acadêmicos. É válido destacar que os materiais escritos aqui analisados tinham finalidade avaliativa e foram produzidos em casa, com tempo para possíveis reescritas e acesso a editores de textos que ajudam na correção da escrita, ou seja, o contexto corrobora para uma produção altamente monitorada. Assim,

[...] esperar-se-ia o emprego de estruturas padrão dos grupos mais escolarizados e mais sensíveis à diversidade linguística em relação à necessidade de adequação dos usos alternativos em estilos e gêneros de grau diferenciado de formalidade tanto na fala quanto na escrita. (MOLLICA, 2010, p. 29)

Assim, supondo que o ensino universitário seja crucial para o desenvolvimento de competências linguísticas e comunicativas que permitam a apropriação da norma culta, sobretudo no curso de formação de professores de Língua Portuguesa, espera-se que, com o decorrer do curso, as ocorrências de base variacionista, provavelmente atreladas ao convívio com a linguagem urbana comum, diminuam, a partir do desenvolvimento do domínio das dinâmicas dos constituintes que afetam a escrita.

2.1. Metodologia

A pesquisa sociolinguística aqui realizada se propõe a uma análise quali-quantitativa de dados obtidos a partir da produção escrita de discentes do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus Jequié, em distintos momentos da trajetória acadêmica (1º, 3º, 5º e 7º semestres), escolhidos aleatoriamente. Para isto, houve autorização por parte dos discentes, através da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Num primeiro momento, aplicou-se um questionário sociocultural, a fim de se compreender a realidade em que estes discentes estavam inseridos. Assim, 40 graduandos do curso de Letras, 10 de cada semestre em estudo, responderam perguntas voltadas para a sua identificação social, como gênero, faixa etária, ocupação e procedência escolar e seu comportamento estudantil, como tempo de leitura diária, quantidade de livros lidos anualmente, usos da escrita e participação em atividades complementares de leitura e/ou produção textual.

No segundo momento, recolheram-se textos produzidos com o fim avaliativo em diferentes disciplinas do curso. Foram variados os gêneros,

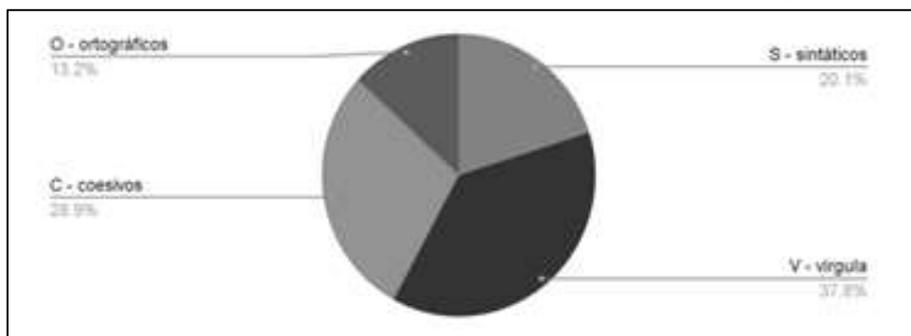
indo desde respostas dissertativas a questões até relatório de estágios. Em seguida, o material foi digitalizado e transcrito para, depois, se realizar uma primeira análise dos desvios relativos ao padrão. Após a análise preliminar, realizou-se a separação das ocorrências em quatro grandes quadros de maior recorrência: desvios sintáticos, ortográficos, estruturais e morfológicos.

Na terceira etapa, então, deu-se a codificação dos dados, bem como o seu processamento estatístico e análise, uma vez que os dados quantitativos apresentados servem de subsídio à apreciação qualitativa, com o intuito de sinalizar aspectos relevantemente concernentes ao ensino e à aprendizagem da norma culta no ambiente acadêmico.

2.2. Análise dos dados

Ao analisar os textos coletados, notou-se a recorrência de desvios relativos aos aspectos ortográficos (O), morfossintáticos (S), à coesão textual (C) e ao emprego da vírgula (V), especificamente, como demonstrado no gráfico 1 abaixo

Gráfico 1: Distribuição dos desvios conforme a categoria a que pertencem.



Fonte: Elaboração própria.

Pelo caráter majoritariamente qualitativo desta pesquisa, as ocorrências de desvios presentes na escrita dos estudantes serão, agora, contextualizadas, descritas e comentadas.

A categoria *O* (desvios ortográficos) subdividiu-se em: erro ortográfico, acentuação, separação silábica e emprego inadequado de trema, hífen e aspas. Em *erro ortográfico, acentuação e emprego inadequado de trema, hífen e aspas*, encontram-se vocábulos escritos de forma incongruente com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (2008).

A seguir, são apresentados exemplos referentes aos desvios de ortografia presentes no *corpus*:

(1) A **perspectiva** cognitivista são estratégias e habilidades que o leitor cria e executa inconscientemente para compreender um texto.

(2) Apesar do contato entre as línguas, a língua **indígena** da mãe era a língua falada pelos filhos e pela maioria dos habitantes da região.

(3) Em termos de estruturais, O Colégio Estadual Luiz Viana Filho dispõe de salas muito amplas com ventiladores, com cadeiras de madeira, lousa e uma TV para reproduções **multi-mídia**.

(4) A **expressão** “língua geral” se definiu nos séculos XVII e XVIII, quando em São Paulo (...)

Observa-se que em (1) a grafia do termo *perspectiva* encontra-se em dissonância com os mais diversos dicionários de língua portuguesa revisados conforme a nova ortografia, ao refletir na modalidade escrita um fenômeno característico da fala urbana comum em situações de não monitoramento de apagamento do fonema /R/ em coda silábica. Em (2), vê-se a não acentuação gráfica da palavra proparoxítona *indígena*. Já em (3), nota-se que não houve atenção à alteração da regra de utilização do hífen, já que a grafia expressa no exemplo está em desacordo com a determinação de que o hífen não mais deve ser empregado na formação de palavras com os prefixos de origem grega e latina, como é o caso de *multi-*. Por fim, é possível perceber o desvio em relação à não separação das letras do dígrafo *ss* em *ex.pres.são*.

Em *S* (desvios morfossintáticos), observaram-se casos de concordâncias verbal e nominal, conjugação de tempo verbal, regência, colocação pronominal e crase. A crase, embora esteja relacionada à subcategoria de regência, por ser a fusão entre a preposição *a*, exigida pelo verbo/nome regente, e os artigos *a/as* ou pronomes *a/as/* e *aquele/a/s, aquilo*, é compreendida como uma categoria à parte por ser um fator particular à escrita, já que na modalidade oral não é possível diferenciar o *a* do *à* com o acento grave para assinalar a crase.

Seguem abaixo exemplos de ocorrências referentes aos desvios morfossintáticos:

(5) Por fim, é importante ressaltar que, as obras de Lima Barreto, não só antigamente, mas atualmente, são de grande importância para a cultura brasileira, pois **retrata** a verdadeira face da sociedade brasileira (...)

(6) O analfabetismo em todos os seus níveis (absoluto, o iletrista, o funcional, o político, entre outros) gera isto nos indivíduos, uma dificuldade de compreender o mundo e de serem pensadores críticos, os reduzindo a viverem na caverna da ignorância, **no qual** as correntes que aprisionam são os tabus e dogmas sociais (...)

(7) Os leitores sempre pode **está** indagando, quem é branco ou negro na história.

(8) Logo, as línguas Gerais surgem a partir dessa condição de contato, diferentemente do pidgin, que é uma língua emergencial que surge da necessidade do povo negro, até então, escravizado, **para** se comunicar com seus dominadores ponto (...)

(9) É fato notar que a consequência dessas limitações impostas, não pela natureza, mas sim pelo menos social, leva o indivíduo a não **alfabetizar-se**.

(10) Tudo em forma de denúncia, como já mencionado, com críticas e sátiras a sociedade da época.

(11) Pidgin e língua geral **tem** contextos de surgimento totalmente opostos.

Em (5), é possível perceber desvio de concordância verbal partir da relação estabelecida entre “as obras de Lima Barreto” e o verbo *retratar*; trata-se de um caso claro em que a não concordância se dá em decorrência da distância entre sujeito e verbo, interpostos por apostos, adjuntos adverbiais e orações intercaladas e subordinadas adjetivas ou adverbiais. Em (6), a ocorrência relaciona-se à não concordância nominal, já que o pronome relativo *no qual*, conjugado no masculino singular está em dissonância ao seu referente, a *caverna*. Já em (7), o verbo *estar*, verbo principal empregado na oração ao lado do verbo auxiliar *poder*, deveria estar no infinitivo, pois em construções de locução verbal apenas o verbo auxiliar é conjugado para indicar o tempo, o modo e o número. Nesse caso específico, uma possível explicação para o equívoco é o fato de que o /R/ em posição final de palavras tende a sofrer apagamento, que ocorre porque, conforme Bagno (2007, p. 121), “(...) é um traço característico de todas as variedades linguísticas brasileiras, independentemente da região ou da classe social do falante, a eliminação do R final dos infinitivos”. Assim, é possível que haja confusão na grafia de verbos no infinitivo por influência de fenômenos característicos à fala, como é o caso da apócope, isto é, a supressão, muito difundida no português brasileiro, da consoante /r/ em final de palavra, sobretudo de infinitivos verbais.

Em (8), ocorre o caso de desvio de regência nominal estabelecida entre o nome *necessidade* e a preposição *para*. Em (9), a ocorrência em análise refere-se à colocação pronominal da partícula *se*, empregada equivocadamente em posição enclítica. Conforme a norma-padrão, da qual a norma culta, sobretudo na modalidade escrita, almeja aproximar-se, se precedido de palavras ou expressões negativas, como o *não*, o pronome deve vir em próclise. Em (10), verifica-se o desvio relativo ao (não) emprego da crase *e*, por fim, em (11), nota-se o destaque aos casos de concordância verbal em que a diferença entre as conjugações verbais, na escrita, é determinada apenas pelo acento circunflexo, o que pode gerar confusão entre os falantes do português ao redigir um texto.

No que se refere à categoria *C* (desvios relativos a aspectos coesivos), a subdivisão contempla gerundismo e queísmo, paralelismo, pontuação, conectivos, emprego de pronomes, hipercorreção, período longo, coerência e falta de atenção na escrita, responsável por ocasionar erros tipográficos nos textos produzidos através dos meios digitais. Estes elementos de análise foram selecionados a fim de destrinchar o que, “para Halliday e Hasan (1976), diz respeito às relações de sentido que ocorrem no interior do texto, por meio das quais uma sentença se liga à outra” (KOCHE; BOFF; PAVANI, 2009, p. 31).

O gerundismo e o queísmo correspondem ao “vício de linguagem” de repetição excessiva dessas construções ao longo do período, responsável por torná-lo truncado e, não raras vezes, confuso. O paralelismo refere-se à correspondência de funções gramaticais e semânticas existentes nas orações, a qual, além de melhorar a compreensão textual, contribui para o desenvolvimento de um texto de leitura mais agradável. Já a pontuação concerne aos recursos prosódicos que conferem às orações ritmo, entoação e pausa, bem como indicam limites sintáticos e unidades de sentido.

Os conectivos referem-se aos elementos linguísticos que servem para orientar a sequência do discurso, isto é, “para determinar os encadeamentos possíveis com outros enunciados capazes de continuá-lo” (KOCH, 1993, p. 104-5 *apud* KOCHE; BOFF; PAVANI, 2009, p. 31), tornando o período coeso e coerente. A parte destinada ao emprego de pronomes está embasada na utilização adequada desta classe gramatical no encadeamento de ideias das orações, com foco maior nos pronomes relativos, os quais devem estar em consonância ao seu referente. A hipercorreção, por sua vez, relaciona-se à preocupação excessiva com a correção textual, o que pode levar a usos pouco comuns na língua ou a desvios que consistem na substituição da forma correta por uma incorreta.

No que tange à análise de períodos longos, busca-se verificar como a pontuação inadequada e o excesso de informações em um único **período** são capazes de ocasionar um texto não claro e ambíguo, com falhas que comprometem o entendimento dos interlocutores. Por fim, à nível de coerência, procura-se analisar a construção de sentido dos enunciados ou a falta de lógica, de nexos entre fatos, ideias e/ou ações descritas.

(12) Por fim, percebe-se **que** a educação de jovens e adultos (EJA), é um projeto **que** visa levar uma educação de qualidade para pessoas **que** abandonaram os estudos muito cedo e **que** a leitura tem um papel transformador na vida destes indivíduos (...).

(13) Por fim, o trabalho foi concluído de forma bastante positiva, com ótimas recomendações tanto **dos** alunos, quanta **(da)** professora regente e **(da)** vice-diretora.

(14) **O conto em questão intitulado: “Carta de um defunto fico”**, extraído do livro “Os 100 melhores contos de humor da literatura universal”, Ediouro – 2001, p. 368, organização de Flávio Moreira da Costa. **Traz a figura de um aristocrata**, mesmo que, postumamente, ainda tinha algumas considerações a fazer.

(15) A produção de Lima **mesmo** nesse conto fazendo essa intertextualidade com a produção de Machado, **porém** se diferencia, da produção Machadiana que visava tratar da realidade, mesmo que tripudiando em cima da burguesia (...).

(16) Enquanto o pidgin se dá através de uma situação emergencial **onde** um dominado se vê na obrigação de aprender à força expressões da língua do dominante para sobrevivência (...).

(17) (...) a maioria dos guerrilheiros eram negros, porque essa talvez fosse a única chance de que eles **tinham** de se **libertarem** totalmente da escravidão.

(18) Para chegar a uma conclusão consistente, é preciso, então, entender qual o contexto social do período em questão; os dados demográficos dão conta de que o número de negros que vieram escravizados para o Brasil era maior que o número de índios que aqui viviam, outro fato que merece destaque é o tratamento dado aos portugueses para os índios e para o negro; em ambas as relações, havia uma força de dominação, porém, é sabido que a relação dos portugueses com os negros eram muito mais violenta, como consequência disto, os negros aprendiam o português de maneira mais abrupta que os índios, isso se constata nas formações de línguas

pidgings a língua geral; por último, vale ressaltar o processo de interiorização do Brasil, o qual os negros foram enviados nessas expedições, portanto, dados todos esses fatores podemos afirmar que os negros foram responsáveis por difundir o português popular.

(19) E era tratado com completa **importância** e com **descaso**; daí a necessidade da denúncia.

(20) Diferentemente das narrativas da estética romântica, o **canto** de Lima traz a objetividade, a descrição, os cenários urbanos, características da estética realista.

Em (12), é possível verificar o uso excessivo do *que* em um mesmo período em construções que poderiam ser substituídas, sem prejuízo coesivo, por outras capazes de deixar o texto mais harmonioso. Em (13), por sua vez, nota-se a ausência de paralelismo na utilização da expressão *tanto de... quanto de...* em decorrência da omissão da preposição *de* na sentença. Já em (14), é evidenciado como a utilização equivocada dos sinais de pontuação podem comprometer a concatenação de ideias no período: verifica-se, pois, que o ponto continuativo foi empregado no local onde deveria estar posta uma vírgula, já que a intenção era apenas isolar o aposto.

Em (15), verifica-se como o uso inadequado dos elementos coesivos *mesmo* e *porém* gerou a anulação do sentido de oposição almejado na construção do período, fazendo com que a assertiva se tornasse incoerente. Nota-se, em (16), o emprego inadequado do pronome relativo *onde*, o qual deve ser utilizado somente para substituir substantivos que exprimem a ideia de lugar. É possível perceber facilmente o fenômeno da hipercorreção, em (17), no emprego do infinitivo flexionado do verbo *libertar* logo após o verbo auxiliar *ter* já flexionado conforme a conjugação exigida. Em (18), observa-se que foi construído um período muito longo, no qual são desenvolvidas diversas ideias encadeadas por sinais de pontuação inadequados. Em (19), há um claro exemplo de incoerência, já que os termos utilizados para qualificar uma única atitude são de sentidos antitéticos: *importância* e *descaso*. Por fim, em (20), nota-se, através da confusão entre as palavras *canto* e *conto*, apenas um caso de desatenção do discente ao redigir o texto.

A categoria *V* (desvios relativos ao uso da vírgula) abarca o sinal de pontuação vírgula e algumas de suas respectivas regras de uso, das quais destacam-se a separação do sujeito da oração de seu predicado e a separação do verbo de seu complemento. Aqui, vale ressaltar que, embora a vírgula encaixe-se na subcategoria pontuação contida em *C*, as

ocorrências de tal sinal gráfico foram tão frequentes que foi preciso criar uma categoria específica para este tópico, a fim de abarcar todas as suas singularidades, já que o mal emprego deste sinal é capaz de tornar o enunciado completamente ininteligível.

A seguir são apresentados exemplos de cada uma das regras de uso de vírgula encontradas, bem como são descritas e comentadas as ocorrências de desvios encontrados:

(21) Portanto, **a diferença da língua geral para a pidgin, é que na língua geral nenhuma língua desaparece em relação a outra**, pois não existe um opressor, e no *pidgin* uma língua é deixada de lado para o benefício do dominador.

(22) Lima Barreto, diferentemente de Machado de Assis, **trazia em suas obras, exposições da vida no subúrbio do Rio de Janeiro**, criando reflexões sobre a posição do homem pobre/negro/mulato e da mulher pobre/negra/mulata, trazendo-os como protagonistas das histórias.

(23) Por outro lado, a língua geral foi uma segunda língua criada pelos Jesuítas, **que almejando compreender os dialetos nativos falados pelos índios, assimilaram o Tupi**, dialeto falado pelos Tupinambás, objetivando conquistar novos fiéis a religião católica.

(24) No conto, **a mãe de Ernesto também recebe a nomenclatura de “crioula” que, assim como outras expressões como “negrinha” e “pretinha”, eram evitadas no espaço público.**

(25) **Jeff Benzos, o atual homem mais rico do mundo** relata que grande parte do seu sucesso foi consequência do impacto da Leitura na sua vida.

(26) No texto de Moacyr Scliar, o texto ou: a vida - uma trajetória literária relata que após uma família com rotina tipicamente brasileira, à noite após a janta o pai ou a mãe diz que é para o filho Caçula dormir, logo ele protesta, **mas quando diz que vai contar uma historinha vai para a cama sem hesitar.**

(27) Em seu poema “Profissão de Fé”, um de seus sonetos mais famosos, Bilac traz a obsessão pela forma perfeita, empregando rimas ricas e impecáveis, locuções rebuscadas e complexas, **atraindo assim a elite intelectual daquela época.**

(28) A Barganha, já que os dois principais personagens, um é português e o outro se trata de um armênio, Lima mostra através de sua escrita

a veracidade dos fatos, o que realmente estar acontecendo, não se colocando como narrador personagem, **mas como alguém que experimentou, ou presenciou determinados fatos.**

(29) **As obras de Lima Barreto** apresentavam alguns aspectos literários e o conto *Uma Conversa Vulgar* apresenta alguns desses aspectos que não passam despercebidos.

(30) A língua pidgin e a geral ambas surgem numa situação de contato entre povos, mas toma rumos diferentes pois no pidgin existe momento de dominação de um grupo sobre o outro, **como no Brasil por exemplo**, no caso dos europeus e povos africanos, no qual a minoria branca se sobressaía obtinha o poder sobre a maioria do povo negro, criando a interrupção da sua língua materna.

(31) Além disso, outra diferença marcante entre Lima e Machado é que **o primeiro é reconhecido como um grande escritor Pré-modernista e o segundo como um escritor Realista.**

Em (21) e (22), é possível perceber o emprego da vírgula de forma inadequada, pois os verbos se encontram separados do sujeito gramatical e do complemento verbal, respectivamente. Em (23) e em (24), observa-se o não uso da vírgula “para separar as orações reduzidas de gerúndio, particípio e infinitivo” e “para separar os adjetivos e as orações adjetivas de sentido explicativo”, respectivamente (ROCHA LIMA, 2019). Já em (25), vê-se que houve o uso inadequado da vírgula “para isolar o aposto”, culminando na separação entre sujeito e predicado.

Em (26), percebe-se a não utilização da vírgula, conforme a regra estabelecida pela gramática normativa (ROCHA LIMA, 2019), “para separar as orações subordinadas adverbiais (iniciadas pelas conjunções subordinativas não integrantes), quer antepostas, quer pospostas à principal”, enquanto que, em (27), nota-se a não utilização da vírgula para isolar as conjunções conclusivas: *assim*. Em (28), é exposto um caso em que a vírgula é empregada de forma equivocada antes de *ou*. Já em (29), não foi empregada a vírgula para, conforme Rocha Lima (2019), “separar as orações coordenadas ligadas pela conjunção *e*, quando os sujeitos forem diferentes”.

Por fim, em (30) e (31), são observados casos em que a vírgula deixou de ser empregada “para isolar certas palavras e expressões explicativas, corretivas, conclusivas” (LIMA, 2019), como *por exemplo*, e para “marcar a supressão do verbo” (KOCHE; BOFF; MARINELLO, 2014), nesta ordem.

Por possuir caráter descritivo, a análise quantitativa dos dados apresentados serve de subsídio à apreciação qualitativa da realidade observada, de modo que o objetivo primordial é mapear esta realidade e identificar o que ela pode sinalizar sobre o ensino e a aprendizagem de norma culta no curso de formação de professores de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas. Assim, tem-se que foram contabilizadas 1937 ocorrências de desvios ao padrão normativo, as quais são distribuídas nas quatro grandes categorias conforme evidencia o quantitativo geral dos desvios observados na Tabela 1.

Tabela 1: Distribuição dos desvios conforme a categoria a que pertencem.

Categorias	Ocorrências/Total	Frequência
Ortografia (O)	255/1937	13.2%
Morfossintaxe (S)	390/1937	20.1%
Coesão (C)	559/1937	28.9%
Vírgula (V)	733/1937	37.8%

Fonte: elaboração própria.

Os resultados observados demonstram a predominância de desvios ligados aos usos da vírgula, com 37,8% de frequência. A partir da análise do produto bruto da codificação, é possível inferir que o fato de o maior número de ocorrências estar relacionado ao emprego da vírgula provavelmente diz respeito, sobretudo, ao conceito vago empregado em diversas gramáticas tradicionais, que definem a vírgula como marcação de uma pausa de pequena duração, como “a vírgula marca uma pausa de pequena duração. Emprega-se não só para separar elementos de uma oração, mas também orações de um só período” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 658). Esta tipo de abordagem conceitual dos sinais de pontuação é, pois, responsável por abrir margem para diferentes interpretações, posto que não se configura como um critério de caráter objetivo, e por, assim como a listagem excessiva de regras de uso, não revelar o funcionamento do sistema da língua.

Já em relação às ocorrências morfossintáticas, que contabilizam uma frequência de 20,1%, percebeu-se uma recorrência de variação na concordância verbal de um modo geral. Ao analisar linguisticamente as motivações para tal fato, notou-se que a maior parte de ocorrências de desvio da norma culta estão relacionados à inversão do padrão sintático aprendido no processo de aquisição da linguagem: sujeito-verbo-complemento e, sobretudo, à distância entre sujeito e verbo, interpostos por apostos, adjuntos adverbiais e orações intercaladas e subordinadas adjetivas ou adverbiais.

Sabendo-se que todas as produções textuais analisadas foram produzidas fora do espaço de sala de aula e com tempo adequado para planejamento, monitoramento e revisão dos usos da escrita, é válido mencionar que o alto índice de problemas relacionados à coesão é bastante preocupante (28,9%), estando, por vezes, relacionado a mais de um elemento, visto que esta categoria diz respeito à estruturação dos períodos e parágrafos e ao encadeamento de ideias.

Diferente do esperado, 2, pode-se observar, a partir dos dados da *Tabela*, que, com o decorrer do curso de Licenciatura em Letras, a frequência dos desvios nas amostras coletadas tende a manter-se relativamente estável, com pequenas oscilações características a cada período.

Tabela 1: Distribuição dos desvios por tipo ao longo dos semestres.

Semestres	S	V	C	O	% Total de ocor.
1º	97	169	131	56	23,40%
3º	102	187	155	97	27,90%
5º	50	94	43	51	12,30%
7º	141	283	230	51	36,40%

Fonte: elaboração própria.

A partir dados, pode-se supor que a formação acadêmica não estaria atuando de forma significativa para a construção e desenvolvimento de uma dita norma culta, ou seja, não há, como se poderia supor uma progressiva apropriação de novas habilidades e competências linguísticas e comunicativas.

É preciso que se diga, contudo, que este trabalho é fruto de uma pesquisa de iniciação científica e tem um caráter preliminar. Caberia, sem dúvidas, uma ampliação do corpus e um aprofundamento das análises a fim de se poder fazer afirmações mais consistentes.

3. *Considerações finais*

Com esta pesquisa, buscou-se construir um material descritivo capaz de identificar os principais pontos de inadequação dos discentes dos 1º, 3º, 5º e 7º semestres do curso de Licenciatura em Letras da UESB, *campus* Jequié, em relação à norma culta em textos formais produzidos no âmbito acadêmico. No entanto, por compreender que a realidade da língua é dinâmica e complexa e reconhecer o *corpus* levantado como rico em material analisável, não se tem aqui a presunção de esgotar as possibilidades de discussões acerca dos usos linguísticos na modalidade escrita

monitorada; ao contrário, busca-se apenas suscitar a reflexão sobre o ensino de língua e a formação de professores de Língua Portuguesa.

Assim, a partir da análise dos dados, verificou-se que talvez a ideia de que a norma culta seja um conhecimento incorporado pelo indivíduo a partir da conclusão do ensino superior deva ser reavaliada. Só através de uma reflexão crítica a respeito do processo de ensino-aprendizagem universitário é que as instituições de ensino passarão a ser capazes de propiciar aos licenciandos uma formação acadêmica completa, tornando-os usuários da língua eficientes e seguros para transitar pelos diversos gêneros textuais, sobretudo os que exigem um grau mais elevado de monitoramento linguístico. Ao supor que os estudantes ingressam no ensino superior já com uma base sólida de conhecimento sobre a língua e as normas que regem o padrão, os cursos de formação de professores tendem a perpetuar um ensino de Língua Portuguesa ainda deficitário.

É preciso, consoante Bagno (2007), reeducar sociolinguisticamente o alunado, ampliando o repertório linguístico do aprendiz e expandindo sua competência comunicativa, de modo que seja capaz de se apropriar das regras gramaticais que não pertencem à sua variedade, sobretudo aquelas que permitirão a produção de textos escritos nos mais diversos gêneros e o emprego da língua falada em situações de interação distintas, sem desvalorizar ou deslegitimar as variedades estigmatizadas. Para que isso seja possível, faz-se necessário um trabalho conjunto entre a universidade, onde são desenvolvidas as pesquisas linguísticas e as discussões sobre os rumos da educação, e os professores da educação básica, a fim de mobilizar a reestruturação do ensino de língua: um ensino no qual o estudo da forma padrão da língua alia-se ao estudo da variação linguística, atentando-se para o desenvolvimento da capacidade linguística de adequação do discurso aos diversos espaços nos quais o falante está inserido cotidianamente.

Assim, ressalta-se a importância de o estudo do uso da linguagem ser direcionado para a adaptação do repertório ao contexto, isto é, o uso das variedades não-padrão da língua em ambientes de menor formalidade e emprego das variantes de prestígio, segundo as normas, em locais que exigem tal monitoramento, tanto na fala quanto na escrita.

Isto posto, abre-se margem para a idealização de estratégias, metodologias e ferramentas que permitam um processo de ensino-aprendizagem mais eficiente para professores e estudantes, a fim de levar o educando à uma reflexão sobre sua produção linguística. Afinal, a sala de aula é o espaço em que os educandos vão adquirir e ampliar recursos comunicativos que permitem o desempenho competente e seguro em usos

especializados da língua, os quais constituem tanto práticas sociais de letramento quanto da cultura de oralidade (BORTONI-RICARDO, 2004).

Ademais, reiteramos, a partir das análises propostas, as quais podem servir de ponto de partida para a reflexão sobre a atuação docente no ensino de língua materna, a necessidade do trabalho conjunto entre a pesquisa científica amplamente difundida nos espaços acadêmicos e a prática na educação básica, para um melhor desenvolvimento de uma pedagogia da variação linguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Tem a sociolinguística efetiva contribuição a dar à educação? In.: _____. *Nós chegamos na escola, e agora?: sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola, 2004.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

KOCHE, Vanilda Salton; BOFF, Maria Benetti; MARINELLO, Adriane Fogali. *Leitura e Produção Textual: gêneros textuais do argumentar e expor*. 6.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

_____; BOFF, Maria Benetti; PAVANI, Cinara Ferreira. *Prática textual: atividades de leitura e escrita*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

LUCCHESI, Dante. A polarização sociolinguística do Brasil: formação histórica. In.: _____. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 85-121

MOLLICA, Cecília. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2019.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de M. Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].